

Em muitas universidades americanas agitadores esquerdistas trabalham constantemente para criar dificuldades e servir à causa comunista. Aqui está como êles agem

Por Trás dos Protestos dos "Vietniks"

EUGENE H. METHVIN

EM FINS do ano passado, na Califórnia, 200 manifestantes tentaram obstruir a passagem de um trem de tropas que iam combater no Vietname. "Idiotas!", gritavam êles, empunhando cartazes em que se lia: "A Caminho do Matadouro!" Em Washington, 15 000 pessoas fizeram uma manifestação diante da Casa Branca, exigindo a terminação da "agressão dos Estados Unidos ao Vietname", com cartazes que proclamavam: "Não lutarei no Vietname senão pelo Vietcong." Nas imediações do Monumento a Washington, gigantesco obelisco erguido em honra do herói da Revolução Americana, os manifestantes desfraldaram a bandeira do Vietcong e fizeram uma coleta em dinheiro para a organização

comunista Frente Nacional de Libertação do Vietname. Em meados de outubro, irromperam por todos os Estados Unidos desordens e manifestações contra a política do Governo e 10 000 integrantes de sua "marcha pela paz" convergiram para a Quinta Avenida de Nova York.

Só quando se revelou que comunistas notórios haviam patrocinado a manifestação de Nova York foi que líderes nacionais dos Estados Unidos reconheceram de público o que de há muito vêm dizendo os técnicos do serviço secreto: que um esforço comunista organizado vem assaltando e explorando o agitado idealismo de considerável parte da juventude norte-americana.

Na primavera passada, numa ex-

cursão de 8 000 quilômetros pelas universidades norte-americanas, deparei-me com os graves sintomas seguintes:

- Na Universidade de Míchigan, em Ann Arbor, alguns professôres organizaram uma maratona de discussões que durou tôda a noite e na qual o papel desempenhado pelos Estados Unidos no Vietname foi veementemente condenado. Depois disso, organizaram por meio de telefonemas um movimento através das universidades de todo o país, do qual resultou o “Comício Nacional de Estudantes”, televisionado em Washington a 15 de maio passado. Um estudo feito por uma subcomissão do Senado dos Estados Unidos revelou que 26 dos professôres que patrocinaram o “Comício Nacional” participam há decênios de atividades comunistas ou orientadas pelos comunistas. Alguns têm fichas que indicam a sua filiação ao Partido Comunista.

- Segundo apurou a subcomissão, um dos organizadores do comício na Universidade de Pittsburgo foi um professor de História de quem se afirma que proclamou, por um programa de rádio, que era comunista.

- Numa convenção realizada em junho último em Míchigan, uma convenção dos Estudantes em Prol de uma Sociedade Democrática—um grupo esquerdista que alegava ter 3 000 filiados em 90 universidades e comunidades—os comunistas que compareceram procuraram alistar recrutas para lutar contra os

americanos no Vietname. Os vermelhos davam tôdas as noites instruções em combate de guerrilhas. Alguns delegados receberam lições sôbre o preparo de explosivos e coquetéis Molotov.

- Na Universidade da Califórnia, em Berkeley, centenas de estudantes prorromperam em aplausos quando um homem do Partido Comunista conclamou os estudantes a se alistarem no Vietcong. Andando pelos terrenos da universidade, encontrei uma mesa armada pelo “Comitê de Paz dos Professôres”. Distribuía-se ali folhetos que convidavam os estudantes para um curso sôbre a “Guerra de Classes” e para uma “Escola do Meio-Dia Sôbre o Vietname”, que seria dada nos terrenos da universidade. Na mesa do “Comitê do Dia do Vietname” estavam sendo entregues folhetos que instavam por “desobediência civil intensa . . . ações sensacionais e em grande escala para aumentar o alarm público”. Num dos portões da universidade, um cartaz convocava os alunos a freqüentarem aulas (“a cargo de revolucionários”) sôbre o “marxismo” numa das salas de aula da universidade. Era assinado pelo comitê universitário do nôvo Partido Trabalhista Progressista, de orientação comunista chinesa, e acrescentava em vermelho: “PROCURA-SE POR HOMICÍDIO—LYNDON B. JOHNSON, acusado pelo cruel morticínio de milhares de inocentes vítimas das suas GUERRAS DE AGRESSÃO no Vietname e na República Domi-

nicana." De universidade em universidade, encontrei uma crescente franja da extrema esquerda tentando dominar a situação e procurando, sob o manto da "liberdade universitária", prejudicar a liberdade da grande maioria de 5 900 000 estudantes e professôres universitários dedicados ao trabalho.

O WEB. O mais eficiente desses grupos comunistas é, sem dúvida alguma, o constituído pelos clubes W. E. B. DuBois, nova frente da juventude do Partido Comunista dos Estados Unidos. O nome é o de um herói comunista negro, para evocar uma imagem dos "direitos civis". Um inquérito legislativo realizado na Califórnia apurou que os WEB, cuja sede central fica em São Francisco, são "comunistas dos pés à cabeça". O diretor do FBI, J. Edgar Hoover, revelou publicamente as escolas secretas de adestramento que o Partido Comunista dos Estados Unidos manteve no verão de 1965 para dezenas de organizadores dos WEB e seus recrutas. As matérias em estudo compreendiam "Como escolher um tema de controvérsia" e "Como organizar uma campanha". Os livros do curso apontavam técnicas para a escolha de temas capazes de suscitar ódio e em tôrno dos quais grandes massas de não-comunistas pudessem ser mobilizadas em manobras de frente única.

Desde que saíram de tais escolas, os estudantes estão em ação nas universidades dos Estados Unidos, re-

cebendo uma mesada do Partido Comunista. Têm a missão de organizar clubes DuBois, grupos satélites e organizações disfarçadas, levantando questões como as dos direitos civis, da liberdade universitária e da "paz" para manobrar os jovens não-comunistas no sentido do cumprimento dos objetivos vermelhos.

Os comunistas encontraram todos os elementos de que necessitavam entre os 27 500 alunos e 1 300 professôres da Universidade da Califórnia, em Berkeley. A "discriminação racial" foi o meio mais eficiente de que lançaram mão. Infiltrando-se no CORE (Congresso de Igualdade Racial), organização empenhada na defesa dos direitos civis, os WEB promoveram manifestações em massa. Tudo estava preparado então para a grande demonstração de 1964 em Berkeley e para o que os técnicos leninistas de psicologia das massas chamam de "manifestação-pilôto" para as que se lhe seguirão.

"Manifestações-Pilôto". Os estudantes que voltaram das férias no outono de 1964 foram recebidos com um folheto que os incitava a "iniciarem um programa de agitação, petições, comícios, etc., recorrendo-se por fim à DESOBEDIÊNCIA CIVIL. ORGANIZEM-SE E PROMOVAM A SEPARAÇÃO NESTA UNIVERSIDADE! Se a revolta fôr conduzida com inflexível decisão e coragem, *poderá estender-se a outras universidades através do país*". O folheto foi preparado por um partido político da

universidade, dirigido por Art Goldberg, um maoísta a seu próprio jeito e que já foi duas vezes prêso em manifestações comunistas.

Quando as autoridades da universidade tentaram aplicar um velho regulamento que proíbe a instalação de mesas nos passeios do estabelecimento para recrutar e angariar dinheiro para causas políticas extra-universitárias, Goldberg formou uma "Frente Única" de protesto. Ainda depois que as autoridades mudaram de atitude, os radicais invadiram o edifício da administração e ali ficaram sentados no chão em sinal de protesto até às três horas da madrugada. Mas foi no dia seguinte que começaram a bem dizer as dificuldades. Os guardas da universidade prenderam Jack Weinberg, que não era estudante, como transgressor, porque não quisera identificar-se ao ser encontrado à frente de uma banca que arrecadava o que êle dizia ser "dinheiro para os direitos civis".

—Não é a primeira vez que me prendem!—proclamou Weinberg diante das câmaras de televisão.

Em seguida, "fêz corpo mole" enquanto os agitadores presentes começaram a gritar: "Violência policial! Abaixo a polícia!"

Depois disso, alguns traquejados militantes deitaram-se em tórno do carro da polícia que esperava e mantiveram Weinberg e os policiais que estavam lá dentro como reféns.

Enquanto isso, Mario Savio, do Comitê Coordenador Estudantil Contra a Violência, entrava em

cena. Levou mais 150 manifestantes para se sentarem no chão do edifício da administração, onde derrubara um infelizmente policial em quem Savio, campeão da não-violência, deu uma dentada na perna. Ao anoitecer, tôdas as estações de televisão transmitiam os acontecimentos e 3 500 espectadores se comprimiam diante do edifício para ver os manifestantes sentados, 40% dos quais não eram alunos.

O Presidente da Universidade, Clark Kerr, qualificou os homens que haviam bloqueado o carro da polícia de "adeptos da linha Castro-Mao". Entretanto, 32 horas depois, concordou em retirar a queixa contra Weinberg e entrar em negociações sôbre um novo regulamento para a universidade em troca da cessação da ilegalidade.

"**Liberdade de Palavra**". Os grupos conservadores que haviam aderido à "Frente Única" abandonaram-na, desgostosos. Savio, Goldberg e Bettina Aptheker, filha de um homem que faz parte do comitê nacional do Partido Comunista e ensina nas escolas de adestramento dos organizadores dos WEB, apareceram então com novo artifício, o "Movimento da Liberdade de Palavra". "O pretense 'Movimento da Liberdade de Palavra' pouco tinha que ver com a liberdade de palavra", salienta o Professor William Petersen, do Departamento de Sociologia da Universidade de Berkeley. "Os estudantes têm liberdade de falar em favor do que quiserem, e exer-

cem êsse direito. O que estava em jôgo na verdade era a luta pelo poder para saber quem iria dominar a universidade."

Trezentos estudantes da oposição assinaram uma moção que condenava as perturbações provocadas pelo movimento. O diretório estudantil, que representa todo o corpo discente da universidade, também repudiou o movimento. Mas isso não perturbou Savio. "Veremos quem domina esta universidade!", disse êle num comício de 400 pessoas.

Todos os dias, na hora do almoço, quando os estudantes enchiam a praça, Savio aparecia com um altofalante para fazer "comícios". Chamava os administradores da universidade de "patifes", dizendo que a instituição era "uma colônia de um govêrno imperialista" e "um serviço público sob as ordens da camarilha militar-industrial".

O alto comando do Movimento da Liberdade de Palavra exigiu então que a universidade concedesse aos alunos o direito de utilizarem as suas instalações para a organização de atos extra-universitários *ilegais*. A 1.º de dezembro, o movimento lançou um ultimato que exigia o cancelamento de tôdas as acusações disciplinares formuladas contra Savio e outros por ataques e ameaças à polícia da universidade nas desordens anteriores. Do contrário, proclamava Savio, "marcharemos para o edifício da administração amanhã e lá ficaremos até que nos levem para a cadeia".

A seção de estudantes pós-universitários do movimento anunciou que os assistentes fariam uma greve de solidariedade. Os chefes chegaram, em exultante antecipação, a designar um "presidente" encarregado da propaganda contra "a brutalidade da polícia". Um estudante dissidente escreveu uma carta a um jornal de São Francisco, na qual dizia: "Evidencia-se em tudo o dedo dos profissionais. Barracas de informações, distintivos de propaganda para a lapela, sinais impressos, megafones, transmissores-receptores portáteis de rádio... Será isso a rebelião espontânea de estudantes oprimidos?"

De fato, não era. Peritos do Bureau Federal de Investigação identificaram na multidão dos manifestantes cinco professôres e 38 estudantes e funcionários da universidade com antecedentes subversivos comprovados. Havia muitos outros que não tinham qualquer relação com a universidade. E meses depois, a chefe do movimento, Bettina Aptheker, proclamou públicamente que durante todo o tempo fôra secretamente filiada ao Partido Comunista.

Durante tôda a noite, turmas do movimento telefonaram para os estudantes concitando-os a boicotar as aulas e censurando os recalcitrantes, a quem chamavam "furadores da greve". Telefonemas anônimos veicularam a ameaça de que os assistentes de ensino favoráveis ao movimento rebaixariam as notas dos que não aderissem ao boicote. Os agita-

dores distribuíram folhetos convocando todos para um comício ao meio-dia de 2 de dezembro, para o qual deviam levar comida, livros e cobertores. Presente ao local na hora marcada, o presidente do diretório estudantil, Charles Powell, tentou fazer um apêlo para que houvesse moderação, mas as vaias dos defensores da "liberdade de palavra" fizeram-no calar.

"Esta fábrica comete injustiça e nós temos de fazê-la parar!", gritou Savio ao microfone. E assim, a multidão seguiu Savio mais uma vez rumo ao edifício da administração, cantando e dançando em compasso.

"Pareciam carneiros tangidos", disse-me Susan Johnson, estudante especial de Sociologia. "Aplaudiam por ordem, vaiavam por ordem. Estavam enredados num mito cuidadosamente fabricado de 'liberdade universitária' e 'direitos civis'. Os chefes do Movimento da Liberdade de Palavra empregaram a técnica de Goebbels da grande mentira—e o mais alarmante é que o rebanho acreditou!"

Por fim, às 11 horas da noite de 2 de dezembro, o Governador da Califórnia, Pat Brown, deu ordem à polícia para fazer evacuar o prédio. A primeira pessoa prêsã foi Robert Treuhaft, identificado em depoimentos prestados ante o Congresso como um elemento do Partido Comunista que estava orientando os estudantes.

Houve necessidade de 350 policiais durante 12 horas para transportar os

773 manifestantes presos. Entre êles, havia 86 que não eram estudantes, 38 que tinham antecedentes criminais, 42 que já tinham sido presos por "desobediência civil" e 45 com antecedentes subversivos e radicais estabelecidos.

Enquanto isso, 3 000 dos 27 500 alunos da Universidade de Berkeley ou não compareceram às aulas ou encontraram as salas de aula fechadas pelos professôres que cooperaram com o movimento. Como me disse Wallace F. Smith, professor de Administração de Emprêsas:

—A grande maioria dos alunos procurou empenhadamente obter auxílio para enfrentar êsse ataque à sua comunidade. Foi um dos momentos mais tristes da minha vida ver os meus alunos pedirem-me sugestões sôbre os meios pelos quais poderiam combater as desordens provocadas pela minoria organizada. Mas, a menos que empregassem as mesmas táticas, pouco poderiam fazer.

Bola de Neve. Depois disso, os agitadores do Movimento da Liberdade de Palavra exploraram o êxito obtido na Califórnia, pregando através dos Estados Unidos a formação de novos clubes DuBois. Só os chefes de Berkeley visitaram oito importantes universidades da Costa Leste dos Estados Unidos numa semana. Em março de 1965, a organização oficialmente citada como comunista, Comitê de Emergência das Liberdades Civis, convocou uma conferência em Filadélfia de 200 alunos

"O Movimento"

Diz *Newsweek*: "Os mais eficientes e enérgicos elementos da campanha contra a guerra e o recrutamento fazem parte da 'nova esquerda', um punhado amorfo composto de estudantes, alunos que fazem cursos de pós-graduação, desistentes e jovens casados que, unidos pela suspeita da oligarquia dos adultos, se julgam 'o movimento'. São êles os jovens radicais que fizeram dos direitos civis, da reforma universitária e de um ideal descentralizado, a que dão o nome de 'democracia de participação', os seus lemas. 'O movimento' parece marcado pela relutância—especialmente no que se refere à colaboração com os comunistas—em aproveitar as penosas lições da História e pela tendência a fazer o pior conceito do país e de seus líderes."

Diz *Time*: "O fato é que os *vietniks*, animando as esperanças e previsões dos comunistas de que os Estados Unidos não lutarão no Vietname até ao fim, estão provavelmente conseguindo o que menos lhes agrada: o prolongamento da guerra e o aumento da lista de baixas de lado a lado."

de 39 universidades. Objetivo: planejar a aplicação a todo o país de uma "Declaração de Direitos do Estudante", de que constassem tôdas as exigências maquinadas em Berkeley e mais algumas. Com base nisso, os organizadores do Movimento se espalharam por dezenas de universidades através do país, clamando os estudantes a aderirem à campanha.

Desde então, a agitação tem crescido como uma bola de neve. Agindo desde Berkeley, sob o rótulo de um nôvo "Comitê do Dia do Vietname", Bettina Aptheker e outros chefes do Movimento da Liberdade de Palavra instigaram em outubro último manifestações de "paz" em 75 cidades para exercer pressão sôbre os Estados Unidos no sentido de se renderem às agressões do Vietname

do Norte. Não é de admirar que o Presidente Johnson houvesse externado a sua inquietação ante a possibilidade de que os agressores comunistas da Ásia tivessem uma falsa idéia da determinação americana de permanecer no Vietname.

Mas os comunistas asiáticos estavam ao menos quatro meses à frente da preocupação do Presidente Johnson. Em Moscou, em 27 de maio do ano passado, o "representante diplomático" do Vietcong abordou três jornalistas. Sorrindo, jogou diante dêles um maço de recortes de jornais norte-americanos sôbre os protestos dos universitários:

—Não precisamos de feitos militares. A pressão da opinião pública norte-americana obrigará o governo imperialista a sair do Vietname do Sul.